

Depoimento de uma família Pataxó-Hã Hã Hã em junho de 1982 na área reconquistada da Reserva Caramuru-Paraguaçu no município de Pau-Brasil, sul da Bahia.

Pergunta: O que você sabe da sua língua ainda?

Mulher: Ele sabe mais que eu porque menino tem memória mais boa, né? Pode falar meu filho, não <sup>tem</sup> vergonha não. Nós estamos é na aldeia mesmo. Aqui, agora pode falar. Não podia falar por fora, por causa que servia de ignorância pra eles, ficavam fazendo mangação da gente. Mas aqui, agora, não. A gente pode falar. Isso aqui agora é nosso!

(Menino começa a falar algumas palavras na sua língua)

M: Agora, Ursulino sabe mais que a gente. De todos os lugares ele sabe o idioma. Era bom que ele estivesse aqui agora, né?

P: Ele sabe mais palavras ainda?

M: Não. Do que ele sabe eu também falo. É a mesma coisa. Agora, mais tarde a gente vai aprendendo devagar, vai falando pra vocês, né?

P: Sua mãe, seu pai falavam o idioma?

M: Meu pai eu não alcancei não. Agora, minha mãe eu alcancei. Falava alguma coisa também mas era pouco... Eu me criei aqui dentro deste posto mas já foi assim no meio dos fazendeiros, num sabe? É que eu sou filha daqui, eu nasci aqui. Mas quando eles tomaram as terras da gente eu já me criei na fazenda deles. Eles diziam que era fazenda deles então ninguém não ligou mais pra isso. E se a gente falasse o idioma da gente, Ave Maria! Era pra pegar a gente logo e matar.

P: E a nação do seu pai qual que era?

M: A nação do meu pai? Minha mãe que era índia, agora, meu pai, disse que não era não. Mas eu não conheci meu pai não.

P: E da sua mãe?

M: Minha mãe já morreu. Ela era índia também. Filha daqui. Meus avós, tudo. Tudo enterrado aqui.

P: E o povo dela como é que se chamava?

M: O pai dela chamava Fernando, a minha vó chamava Benedita e a minha mãe chamava Alegária...

P: Mas qual a tribo deles?

M: Ah! A tribo deles é essa tribo daqui mesmo. Pataxó Hã Hã Hã.

P: E como é seu nome?

M: Meu nome indígena é Indiara-quer quer dizer laranja na minha língua. Esse aí tem um nome indígena também. (aponta o menino)

P: Como é o nome dele?

M: Auau-Pitaci. Muitas outras pessoas também tem nome indígena. Aquela outra lá chama Djaruá...

P: Quem escolheu esses nomes pra vocês?

M: Agente mesmo.

P: Faz tempo, quando foi?

M: Faz. A gente passou uns dois anos lá na Fazenda Guarani (MG). Então o Ursulino escolheu os nomes indígenas com a gente.

P: Pra registrar na FUNAI?

M: Foi. E o nome de Zeferino é Paxé.

P: A palavra para água você sabe?

M: Água? É "mianga" e "Djaruá" é milho.

P: E trovão, trovoada, como é que é?

M: Trovoada eu não sei, agora Zeferino deve saber... Eu sei o nome de Deus que é Tupã.

P: E você sabe contar uma história mais comprida?

M: Eu sei que quando eu era menina, assim como essa menina minha filha, minha mãe saiu daqui. Eles escorraçaram a gente. Então a gente saiu daqui assim pelo meio do mundo... Então a gente procurou um tio meu, era outro tio meu sem ser esse que mora aqui, ele morava longe daqui. Então minha mãe saiu à procura dele com nós. Quando chegou na estrada a dispensa da gente acabou. Eu passei 3 dias com fome. Eu mesma não sei contar não. Minha mãe é que conta... disse que eu quase morria. Dei vertige na estrada de fome, que se não fosse os outros que me desse o que comer na estrada prá me levantar eu tinha morrido. Aí foi que os vizinhos lá deram comida pra mim que comi, levantei, foi que eu sai. Fiquei muitos tempos fora daqui. Minha mãe com nós fora daqui. Nós tudo <sup>atã</sup> ~~atã~~. Depois nós voltamos pra aqui outra vez mas ficamos nas fazendas dos outros. Uns rumavam os pé, outros odiava a gente... não queria nas fazendas deles. Um dia a gente tava num canto, outro dia tava no outro até que Deus ajudou que nós tamo aqui outra vez! Agora tamo aqui outra vez e pra sair daqui tá bem difícil porque o custo-so foi a gente voltar, mas agora que voltou, pra mim sair acho que não saio não!

\* à foa

P: Tem mais alguma coisa que pode contar?

M: Não sei contar mais nada disso. Só sei um pouquinho...

(Entra <sup>o</sup> marido, que estava fora)

Hk m: Agora aí, ela está estudando a língua da tribo. Não sabe contar muito de terra, tá?

M: Você quer saber mais da língua, né? Esse menino aí falou o que sabia aí pra ele.

H: (recomeça a falar algumas palavras no idioma) - A gente tá mesmo é aprendendo agora porque primeiro foi Ursulino... porque a gente é de aldeia mas levou uns 40 anos <sup>é spn, iã</sup> ~~é spn, iã~~ <sup>expn, iã</sup> ~~expn, iã~~ (ejogado) pelo mundo assim. Todo mundo. E lá a gente não aprendeu mais língua porque as pessoas pelo mundo, querer jogar suas flechas e falar seu idioma é ignorado e capaz até do civilizado querer matar a gente que era índio. Então a gente vivia assim: exportado pelo mundo. Então quer dizer que não aprendemos nada. A gente não podia dizer língua nenhuma. Não aprendemos porque os mais velhos esparramou pelo mundo todo, aqueles parentes mais velhos da gente morreram tudo... que era tudo gente de aldeia, quer dizer que ficou nós, de aldeia também, mas nós tava tudo em posição de rapazinho moderno, quer dizer que esfatiou tudo (espalhou tudo). Fico assim mesmo. E nós que morava lá no Toicin (região de "Toucinho"), lá em baixo. O senhor que me criou era índio. Eu fui criado sem pai e sem mãe. Meu pai e minha mãe quando morreu fiquei sendo cria dos outros. Agora, quando nós chegamos no Toicin tinha uma fazendona e era índia. Nós vivemos muito tempo no Toicin, tinha muita mata lá. Foi no tempo dessa revolta aqui do Major Liberato (1). Ele chegou e o primeiro que ele botou

Acervo  
porta afora foi meu tio (índio Amaro Abade). Ele era um índio mais sabido, quer dizer, entendia ~~xxx~~ mais que os outros índios. Era mais trabalhador, já criava gado, porco, criava animal... ele era conselheiro daqui da sede no tempo do Dr. Saturnino, que era o chefe do Posto nosso; ele, Zé Cabóco eram os conselheiros. Depois não se deram bem, Ele que era mais bem de vida, o José mais fraco, Ele disse (o Major Liberato): "eu tirando ele, que é o mais forte, o mais grande, os outros levam ponta-pé." E foi o que eles fizeram. Ajuntaram uma jagunçada e a casa do meu tio que era uma casa de taipa, assim que nem essa, furaram tudo de bala. Chegaram uma jagunçada com um cabo do destacamento de Santa Rosa e sentaram a repetição na boca da noite, acabaram! Só não matou ele porque nós acudiu tudo pros Maxacali (MG). A gente foi pra Maxacali embaixo de um tiroteio muito grande. Também o que tava dentro da casa dele, o que foi de armário, quer dizer, ele deixou tudo, ele correu e largou tudo aí. Não podia tirar nada. Eles chegaram tacaram assim... marcaram: "mais tardar amanhã nós vai!". E foi mesmo. Atacaram! E o que foi de mesa, o que ele tinha, rede de arrasto, eles arrasaram tudo. Quebraram mesa, queimaram, pintaram o diabo! Acabaram tudo. Aí fui pro mundo, vomitado. Aí, agora, não aprendemo língua, acabou tudo. Também o índio que chegava lá, aí no meio deles e falar o idioma, jogar flecha, era capaz deles assassinar o índio. Por estar no meio deles com aquelas tira, aqueles arco, aqueles negócio. Era assim. Agora nós apredemos. Agora nós tivemos nas aldeias... eu tive nos Pataxó (de Barra Velha-Porto Seguro) 2 anos, depois tive no ... Monte, 7 anos. Bom, agora, no melhor dos tempo, o Delegado tirou a gente pra Fazenda Guarani (MG), lá em cima. Depois, agora, trouxe pra cá de novo.

Mulher: Agora aqui que nós vai aprender falar.

É, aqui é que nós vai aprender porque a aldeia nossa era aqui mesmo. Essa muié mesmo foi criada e nascida aqui. Tenho 5 filhos nascidos aqui naquela serra lá em cima, no Mundo Novo. Agora, ninguém aprendeu nada. Até que eu já sabia jogar uma flecha. Eu sabia e já matava até um bem-te-vi beijando uma flor naquele pé de lima... chegava de baixo e tó! Atirava a flecha e caia assim lá nele. Mas foi aí que se largou tudo... saimo disburitado. Num se importou mais com isso. Acabou-se! Mas agora o pessoal já quer aprender. Destreinou, destreinou tudo.

P: E o Ursulino é quem está ensinando tudo?

H: É. O Ursulino é quem ensina a gente. Ele sabe, o Ursulino sabe. Não sabe não?

P: Quem mais foi pró Maxacali?

H: Pró Maxacali fui eu, foi esse tio meu que me criou desde ~~xxxx~~ novinho com a família dele. Agora, os outros, esguritou! Tinha a minha irmã...

P: Como ~~xxxxxxxxxxxx~~ seu tio se chamava?

H: Chamava Amaro, o índio Amaro Abade. É um índio muito reconhecido. Do Rio de Janeiro pra cá, tudo ele andava. Ele morava aqui no Toicin... essa fazenda que tiraram...

P: O Amaro não voltou pra Pataxó não?

H: Não. Ele já morreu. Foi em Maxacali mesmo. Morreu ele, morreu a tia minha... morreu tudo lá. Tudo era índio!

P: E o Ursulino, saiu daqui e foi pra <sup>onde?</sup> gente?

H: O Ursulino saiu daqui e foi pras matas do Donga aí no Pascal (Monte Pascoal). Mas nós saiu tudo corrido.

P: Do Donga ele foi pra onde?

H: Do Donga ele foi pró Parque (~~xxxxxxxxxxxx~~ Parque Nacional do Monte Pascoal/61) ali mesmo. Toda a vida beirando o Parque ali mesmo. Mas ele não estrava firmado no Parque por causa dos guardas... daqueles guardas lá...

Homem: Não. Nós estava ~~x~~ tudo aqui ainda. Ninguém tava lá. Naquela Revolta que deu. ~~D~~ Só quem tava lá foi o Antônio Rosa e o Manoel Rosa...

P: Vocês saíram daqui quando?

H: Eu sai daqui em setenta (70)

P: Não. Aqui do Posto?

H: Ah! A Carreira foi em 49. Pra Maxacali. No tempo da Revolta do Major Liberato. Aí agente fomos sortado por esse mundo aí. Eu saí até comendo por o mato abaixo! Pra você vê como a gente sofreu aqui. Eu tava em casa e até chegou o portador dizendo: "-Corre que Leonídio vem com dois jagunços atrás do cabôco Amaro e quase que me matou... eu tava até comendo. Naquele tempo a panelinha do índio era de barro, o pratinho de barro. Saí com o pratinho de barro ~~come~~ comendo pela mata adentro... cheguei no pé de pau, larguei e fui pela mata do Teimoso, lá em baixo. Por dentro da mata.

P: Você gastou muito tempo?

H: Não. Saí era de manhã e numa base de 10 dias chegamos lá no Teimoso... se escondendo. Chegamos numa fazenda lá embaixo no Teimoso, onde meu tio ajeitou um lugar lá, o aluguel da manga (curral) pra botar o gado dele.

P: Este é o índio Amaro?

H: O índio Amaro que tinha uma fazenda.

P: Ele tinha muito gado?

H: Tinha 200 cabeças de rês.

P: Como ele conseguiu isso?

H: O ~~gado~~ gado? Conseguiu na Fazenda São Mateus de Mané ~~R~~ Gomes. Quem conseguiu esse gado foi até nós mesmos. Foi Etelvino, que é filho dele... já morreu também, faz pouco tempo. Ele tem sete ~~homens~~ homem. Esse era o mais velho do meio. Ele conseguiu com o Mané Gomes botar o gado lá na manga, alugou, o filho dele deixou o gado aí. Depois, ele vendeu a metade da vacaria parindo, os bezerros criado... vendeu tudo baratinho, pra móde não largar aquela vacaria. Arribou e deixou um resto aí. Quando veio buscar para levar prá lá, meu tio disse: "Tu vende o gado e deixa aí umas dez vaca, bota aí pros menino que são tudo de menor". Aí, deixou. Ele deixou essa vacaria, deixou um garrote muito bom... Quando ele veio receber o dinheiro, tinha se repartido tudo: ~~xxx~~ tinha morrido, o povo tinha consumido com tudo, disse que não sabia... Acabou tudo assim, no poder dos outros. O culpado foi os "tubarão" (fazendeiro) que botou ele pra fora, e deu um grande prejuízo e a fazenda tá lá sem custar nada e ele engordou foi grande boiada, tá lá, a fazenda dele e do meu cunhado, tá lá, sem custar um tostão, largaram lá. tá lá no Toicin. A de meu cunhado na barra do rio... e a dele no Toicin Baixo, fazendeiro ficou com tudo! Isso aqui é Posto mesmo, federal. Isso aqui nós foi tudo ~~xxx~~ criado aqui dentro, isso aqui é tudo medido ao redor, tudo medido, piquete de quilômetro em quilômetro, tudo numerado, aquelas numeração bonita lá... tudo os piquete lá, marcado de um, dois, três, de quatro, cinco até primeiro, voltava, tudo federal. Lá fora é aldeia dos índios Hã Hã. Nós cansamos de dormir lá nos Hã Hã. Aldeia grande...

: A sede do Posto do SPI aqui era aonde?

: A sede do Mundo Novo era aqui mesmo. Aqui tem um rião aí, o rio do Mundo Novo, até os menino já foi lá, o rião do Mundo Novo...

: E tinha uma outra sede, lá na Barretá?(2)

: Tem! Pois a sede primeiro de Barretá era lá.

: Primeiro era lá, depois que fêz aqui?

H: Era. E o Dr. Saturnino levou um bom tempo morando aí. A gente ia aí, ia tomar remédio lá (na sede do Posto Indígena Caramuru).

P: E aldeia tinha só dos Hã Hã Hã ou de outro índio também?

H: Tinha uma aldeia aqui também. E Hã Hã também. Aqui tudo era dos índios Hã Hã.

P: Como é o seu nome?

H: Paxé.

Nota de rodapé:

- (1)- Major Liberato de Carvalho, ~~militar~~ militar que comandou as forças de operação contra a "Revolução Comunista do Posto" (PI Caramuru) em 1936-37 nas novas medições, defendendo interesses de grandes proprietários locais e que em 1946 recebeu do Governo doações de terras próximas à área indígena, na região de "Toucinho", de índio Amaro Amade, posteriormente invadindo-a.
- (2)- Outro Posto Indígena no local onde hoje moram a índia Barretá e outros Hã Hã Hã, município de Itaju do Colônia, dentro ainda dos limites da Reserva Caramuru-~~Карагуиш~~ Paraguaçu.

\*\*\*\*\*

Foto do CIMI

Foto cedida pelo CIMI/PORANTIM

Foto CIMI

~~Ката~~